

AVENTURA & AÇÃO

Especial

ACONCÁGUA, UMA AVENTURA POSSÍVEL

- ✓ NOSSO REPÓRTER CHEGOU AO TETO DAS AMÉRICAS
- ✓ UMA FAMÍLIA CONTA SUA EXPERIÊNCIA NA MONTANHA

Itatiaia



UM ROTEIRO ESPECIAL DE MONTANHISMO NO PARQUE MAIS ANTIGO DO BRASIL

Angra dos Reis



UM MERGULHO NA ILHA GRANDE

Meio Ambiente

- ✓ ECONOMIA SOLIDÁRIA
- ✓ ECOTURISMO E SUSTENTABILIDADE A ÁGUA E VOCE

CICLOVIAGEM

LITORAL PARANAENSE

ESPECIAL DIA DAS MÃES

AVENTURA DE MÃE PARA FILHO

Internacional

FUTALEUFÚ

DESCOBRIMOS O DESTINO NO CHILE



Entrevista

ARGUS CARUSO UM PEDAL CHEIO DE CULTURA PELO MUNDO



ACONCÁGUA, UMA AVENTURA POSSÍVEL

O montanhista André Dib foi ao teto das Américas. Depois de encarar 13 dias de montanha com temperatura de até 40°C negativos, relata porque a expedição que instiga o imaginário de aventureiros de todo o mundo é realmente tão especial

Texto e fotos: André Dib

DUNAS DOURADAS
Praia do Peba com suas dunas e belíssimas lagoas formadas pelas chuvas - Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu



O vento gelado açoitava a pele, queimada pelo frio implacável. A nevasca já durava três dias. Os flocos de neve soprados pelo mau tempo acumulavam-se rapidamente sobre as paredes de náilon da barraca. Estávamos no acampamento avançado a 5.900 m de altitude, conhecido como Berlim, aguardando, com os nervos aflorados, o momento certo para o ataque final. Receber as notícias frequentes de pessoas com extremidades congeladas (especialmente mãos e pés) e alguns casos de edema na tentativa do cume não era nada estimulante enquanto passávamos a maior parte do dia na barraca, no meu caso, só na companhia da escritora chilena Isabel Allende. Dividíamos o tempo derretendo gelo para encher as garrafas térmicas, cozinhando, lendo e conversando com os amigos da barraca vizinha, quando breves estiagens permitiam. No mais, éramos privados de sair, limitando-nos a ver o teto envergando com o peso da neve que se adensava no sobreteto, ou a ouvir os estalos das varetas castigadas pela ação do vento que golpeava a pequena tenda impiedosamente. Nesses largos momentos de inércia e solidão, que trazem o tédio insidioso e a saudade de casa, podemos tirar proveito de grandes momentos de introspecção. Vale lembrar que um dos fatores determinantes para o sucesso da empreitada em uma montanha dessa magnitude é o controle emocional, afinal, estávamos ali por escolha, em meio àquela atmosfera incerta e exaustiva. Por que, se sabíamos que a força da natureza conspiraria contra nós? Talvez a resposta esteja no fato que a incursão a um cenário hostil, mas ao mesmo tempo extravagante e belo, como o topo de uma montanha, nos proporciona o privilégio de sentir o vigor da vida presente nessa natureza pulsante, insólita e intensa. Aos que alcançam o topo, parece ser concedido o poder de congelar o tempo por um instante, nos revelando algo sublime, único, efêmero e, muitas vezes, indizível.

A PREPARAÇÃO

Quando começamos os preparativos, meses antes da empreitada, tínhamos ideia do que estava por vir e, exatamente por isso, fizemos um planejamento rigoroso no intuito de aumentar nossas chances de cume. Geraldo Ozório, um dos meus companheiros, havia estudado um roteiro de 18 dias, prevendo prováveis intempéries da natureza, muito comuns nessa latitude. Os dias excedentes que teríamos também seriam importantes para uma boa aclimação, já que nos dariam uma margem maior para adaptação do organismo ao ar rarefeito. Outra questão crucial foi a logística da alimentação. Nos preocupamos em selecionar produtos liofilizados por um processo que mantém a forma, a cor e, principalmente, o sabor original dos alimentos, diminuindo consideravelmente o peso das nossas bagagens e garantindo nossa nutrição. Além do Geraldo, fechava o grupo outro antigo companheiro de montanhas, o médico Luiz Guimarães, que nos dava respaldo com seus conhecimentos técnicos de medicina em altitude.



SANDBOARD
O guia Max subindo as dunas para a demonstração e instrução de como utilizar o sandboard e a sua perfeita descida nas cintilantes areias do Peba

PARQUE PROVINCIAL DO ACONCAGUA

Ao chegarmos à portaria do parque, de onde já conseguíamos contemplar o “gigante”, apresentamos nossas permissões de entrada e seguimos em direção ao primeiro acampamento do trajeto mais conhecido, chamado de “Rota Normal”. O Cerro Aconcagua, por ser a montanha mais alta das Américas, figura no circuito dos Sete Cumes - que consiste na escalada da maior montanha de cada continente. Por isso, instiga o imaginário de milhares de montanhistas de todos os cantos do mundo, seduzidos pela chance de se aventurarem no mais colossal cerro andino.

Assim como eles, seguimos rumo ao “Sentinela de Pedra” (como é conhecido no dialeto Aymará) por uma trilha que acompanha o vale do Rio Horcones, entre imensos paredões de rochas avermelhadas, em centenas de semitons, num colorido magnífico. Chegamos a Confluência em cerca de duas horas sob uma temperatura agradável e levantamos acampamento por entre dezenas de barracas coloridas, que recriavam uma cidade aos pés da cordilheira a 3.400 metros de altitude. Agitado, o lugar fervilhava ao som dos mais distintos idiomas

A LENDÁRIA FACE SUL

Nosso primeiro objetivo para aclimação estava a 4.300 m de altitude, em Plaza Francia. Levantamos cedo e percebemos que a brisa aprazível do dia anterior começava a se modificar, tornando nossos anoraques indispensáveis no caminho. O percurso seguia ao longo de uma infundável rampa espremida por um grande corredor rochoso em um desnível considerável até nosso destino. Em pouco mais de duas horas, porém, chegamos ao mirante da lendária Parede Sul do Aconcagua. A montanha projetava-se aos céus subitamente, expondo-se como uma imensa muralha branca de gelo, com cerca de três quilômetros de altura, que nos dava a exata dimensão da nossa pequenez diante da natureza à nossa volta. Plaza Francia é o local de acampamento dos poucos andinistas que se arriscam pela Parede Sul, uma escalada técnica de extrema dificuldade, com passagens em gelo e rocha. A ousada empreitada já vitimou dezenas de escaladores de renome, entre eles os brasileiros Mozar Catão, Othon Leonard e Alexandre de Oliveira, em 1998, quando foram surpreendidos por uma avalanche. Vitor Negrete e Rodrigo Rai-





SANDBOARD

O guia Max subindo as dunas para a demonstração e instrução de como utilizar o sandboard e a sua perfeita descida nas cintilantes areias do Peba

neri deixaram seus nomes na história da montanha ao escalarem essa rota, em 2002, vivendo sete dias intensos na parede para vencer o obstáculo, quando ficaram conhecidos entre os melhores escaladores do mundo. Para nós, simples mortais, resignados, restou-nos a contemplação.

ACAMPAMENTO BASE – PLAZA DE MULAS

Começamos o dia caminhando sob uma temperatura agradável, para vencer um longo e cansativo trecho de 30 km até Plaza de Mulas, acampamento aos pés da montanha. Seguidos por algumas expedições, atravessamos uma ponte pênsil, sustentada por cabos de aço, que dava passagem sobre as corredeiras barrentas e traiçoeiras do Rio Horcones e subimos uma pequena colina de onde se avistava o grande corredor cercado por cumes pontiagudos que atingiam facilmente os cinco mil metros. Abria-se então em uma passagem ampla, de espaços largos, conhecida por Playa Ancha. O caminho seria tedioso, não fosse a diversidade de plantas raras e flores amarelas que quebravam a insistente aridez do terreno. O verde se estendia por dezenas de quilômetros expostos em gramíneas multicoloridas, salpicadas pelo solo estéril em uma formidável alquimia da natureza.

Para quem pretende conhecer o Aconcágua, sem ascendê-lo, uma excelente opção são os trekkings disponíveis na Reserva. Em um dia pode-se conhecer as lagunas na entrada do parque, ou arriscar uma caminhada até Confluência. Com três dias pode-se visitar a Plaza Francia e a lendária Face Sul, podendo estender o trekking até Plaza de Mulas para sentir um pouco mais o ambiente das expedições. É possível ainda fazer uma travessia de vários dias, subindo pelo Vale do Rio Horcones, contornando a montanha pelo flanco norte e descendo pela Quebrada de Vacas, podendo contemplá-la de todos os ângulos,

percorrendo uma grande extensão do parque, que com suas centenas de picos nevados, é a própria síntese da beleza. Após o longo trecho desgastante, o caminho nos levou a uma exaustiva ladeira, conhecida como Costa Brava. Chegamos a Plaza de Mulas (4.200 m) no meio da tarde, cansados, e nos acomodamos no refúgio, fechando a primeira etapa da viagem.

ACLIMATAÇÃO

Já na base da montanha, começamos a seguir sistematicamente nosso plano de aclimatação, subindo cada dia mais alto e dormindo em altitudes mais baixas, alternadamente, para adaptação progressiva ao ar rarefeito. Escolhemos o Cerro Bonete, com quase cinco mil metros de altitude, como a primeira montanha a ser superada. A ascensão tecnicamente tranquila é uma boa opção no processo de aclimatação. Em cerca de três horas, vencemos o desnível de 700 m e com o clima mais ameno, pudemos ficar mais de uma hora no cume, descansando a uma altitude considerável diante de uma vista magnífica. A leste, vislumbrávamos a grande massa branca de gelo, que cobria a cordilheira em território chileno. A oeste, tínhamos, imponente e convidativa, a grande parede rochosa do Aconcágua. Voltamos para o acampamento em Mulas e descansamos no dia seguinte, deixando o corpo se acostumar com o ar rarefeito.

Após o dia de descanso, partimos para o Cerro Catedral (5.500 m). Chegamos a cinco mil metros de altitude, mas não passamos pelas rampas de natureza friável, que levavam ao cume, com rochas decompostas, que esfrelam-se nas mãos. Descobrimos mais tarde, que tínhamos seguido o lado oposto da trilha principal, graças a informações erradas que tivemos com alguns guias no refúgio. De qualquer maneira, o esforço contribuiu bastante com nossa adaptação à altitude. >>>

TEXTO E FOTOS: ANDRÉ DIB



A MONTANHA NESTA TEMPORADA TEIMAVA EM EXIBIR TODA SUA IRA E EXPUNHA OS VIAJANTES A TEMPERATURAS QUE ATINGIAM 30°C NEGATIVOS NOS ACAMPAMENTOS MAIS AVANÇADOS, CHEGANDO ATÉ 40 NEGATIVOS ACIMA DOS 6.000 M.

MATA ATLÂNTICA
Estação Ecológica da Praia do Peba preserva o que ainda resta da Mata Atlântica



MATA ATLÂNTICA
Estação Ecológica
da Praia do Peba
preserva o que
ainda resta da
Mata Atlântica

A ASCENSÃO

Após cinco dias no acampamento base, nos sentíamos preparados para o início de nossa ascensão. Estávamos aclimatados e confiantes, porém o otimismo escondia a evidência dos fatos. A montanha nessa temporada teimava em exibir toda sua ira e expunha os viajantes a temperaturas que atingiam 30°C negativos nos acampamentos mais avançados, chegando até 40 negativos acima dos seis mil metros. Segundo relatos, os ventos estavam alcançando facilmente 120 km/h. Não por acaso, a porcentagem de sucesso ao cume registrava apressivos 20%, nessa temporada. Porém, como nem todos sucumbiam, estávamos seguros e pedíamos passagem ao majestoso pico. Rumamos ao acampamento avançado num infundável acive rochoso exposto em todo seu vigor, projetando-se no colo norte da montanha. Passamos por Plaza Canadá, onde algumas barracas se espremiavam protegidas por uma grande rocha em formato piramidal, e seguimos subindo num ziguezague contínuo, atravessando largos trechos de pedras de gelo pontiagudas em forma de lanças paralelas, conhecidas como “penitentes”.

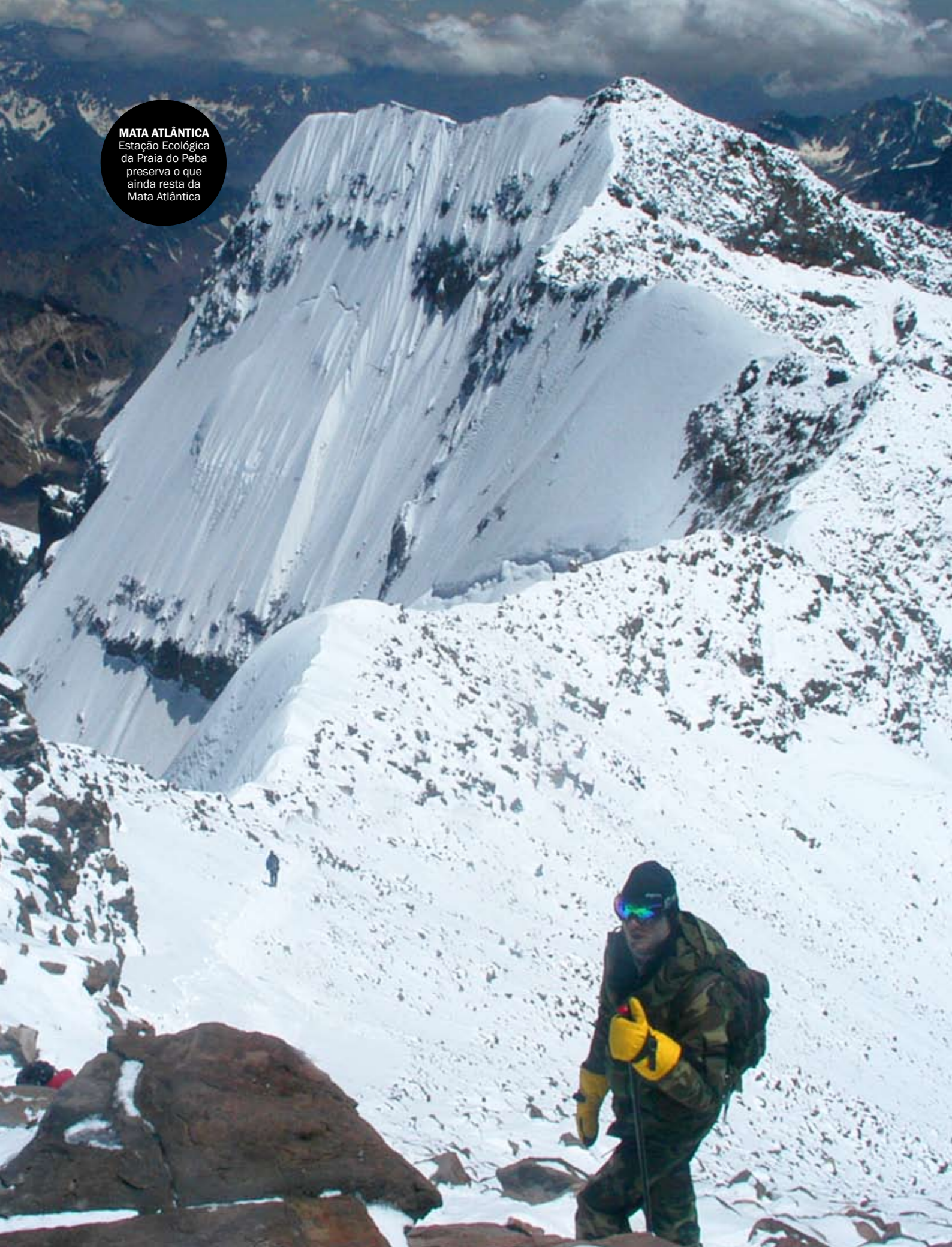
Levamos quatro horas e meia para vencer o desnível de 1.000 metros até nosso acampamento a 5.400 metros, conhecido como Nido de Condores, um grande terreno desprotegido e assolado por ventos constantes, que serve de base para as expedições em busca do cume. Ali, as dificuldades aumentaram consideravelmente. A partir desse ponto, senti que a montanha separa naturalmente quem está ou não preparado para vencê-la. Problemas maiores como o Mal Agudo da Montanha - MAM (ver pag. X) - tornam-se mais frequentes nessa altitude, fazendo com que muitas expedições tenham de voltar. A patrulha de resgate já havia socorrido mais de 100 pessoas naquela temporada, segundo Antonio Ibaceta, chefe da Polícia de Resgate de Alta Montanha. Destas, 22 corriam riscos de amputação por congelamento e necrose e algumas ainda corriam risco de morte. Mas, como toda conquista guarda sua cota de sacrifício, mantivemo-nos firmes e a caminho. Penso que as dificuldades encontradas na montanha nos fazem crescer e aprender a enfrentar nossos problemas diários com mais serenidade através de lições que só podemos compreender quando estamos diante de alguma circunstância crítica.

Partimos para Berlim (5.900 m), último acampamento antes do ataque final. Sentíamos-nos fortes e preparados para a ascensão ao cume e a sensação de estar àquela altura, prontos para atingir o destino almejado, tinha um gosto muito especial. Quando estávamos perto de tentar a subida, porém, fomos surpreendidos por uma nevasca que durou três dias, nos colocando em uma espera bastante exaustiva. Nesse período, juntaram-se ao grupo dois outros brasileiros que havíamos conhecido dias antes, Rubens Antunes e Carla Tanaka, e que nos acompanhariam até o final. Na madrugada do dia 17 de janeiro, depois de 13 dias vivendo intensamente a montanha, o tempo deu uma trégua. Acordamos sob uma “agradável” tem-

AS LANTERNAS FRONTAIS ILUMINAVAM A ROTA E O SILÊNCIO ERA ROMPIDO PELO SOM CONTÍNUO DAS PASSADAS SULCANDO O GELO, QUE MARCAVA O RITMO DO GRUPO NUMA REPETIÇÃO CADENCIADA E HIPNÓTICA. TODOS SE AFASTARAM E CADA UM FOI GANHANDO ALTURA A SEU TEMPO.

MATA ATLÂNTICA
Estação Ecológica
da Praia do Peba
preserva o que
ainda resta da
Mata Atlântica

MATA ATLÂNTICA
Estação Ecológica
da Praia do Peba
preserva o que
ainda resta da
Mata Atlântica



peratura de 14°C abaixo de zero, embora a noite, sem luar, ocultasse as trilhas encobertas pela nevasca dos dias anteriores, dificultando ainda mais nossa estratégia. Começamos a caminhar por volta das cinco da manhã, seguindo os passos de outros dois andinistas, membros da Brigada de Montanha do Exército Argentino, que havíamos conhecido um dia antes. As lanternas frontais iluminavam a rota e o silêncio era rompido pelo som contínuo das passadas sulcando o gelo, que marcava o ritmo do grupo numa repetição cadenciada e hipnótica. Todos se afastaram e cada um foi ganhando altura a seu tempo. Em Independência (6.400 m), um antigo refúgio abandonado usado para emergências, com os primeiros raios de sol colocamos os crampons (equipamento indispensável para ascensão em gelo) e seguimos para a chamada “travessia”, um longo trecho sinuoso na crista da montanha exposto e varrido por ventos impetuosos que atiram com frequência os montanhistas ao chão.

Duzentos metros acima, alcançamos a “Canaleta”, uma rampa empinada e cansativa, com um desnível de 400 m, talvez o maior desafio do Aconcágua, onde a cada passo a altitude se impõe. Pouco a pouco fomos vencendo o obstáculo enfadonho. Enquanto admirávamos os escarpados rochosos cobertos de neve, eu sentia uma estreita relação entre nós, percebendo ainda mais a montanha e a liberdade a que essa busca nos remete. Por alguns segundos senti a vida como um presente. Por volta das 14 h chegamos ao cume, eu e o Rubens, meu novo amigo, e um pouco mais tarde chegaram os outros companheiros. Abaixo dos nossos pés, víamos a grande cadeia rochosa e centenas de picos nevados estendendo-se pela imensidão da Cordilheira dos Andes. A cruz de metal, ornamentada por bandeirolas coloridas, fincada respeitosamente no alto, anunciava a conquista. O cume sul diante dos olhos evidenciava os fatos. Estávamos no topo da América. 🌎



SANDBOARD
O guia Max subindo as dunas para a demonstração e instrução de como

DICAS:

QUANDO IR:

A temporada no Aconcágua inicia-se em 15 de novembro e termina em 15 de março, dividindo-se em:

Baixa temporada: de 15 a 30 de novembro e 21 de fevereiro a 15 de março.

Média Temporada: de 1 a 14 de dezembro e de 1 a 20 de fevereiro.

Alta temporada: de 15 de dezembro a 31 de janeiro.

O preço da taxa de entrada no parque para escalada (20 dias) também varia de US\$ 150 a US\$ 470 de acordo com estes períodos.

*Preços aproximados, calculados em dólares americanos.

COMO CHEGAR:

A cidade de Mendoza, a 760 metros de altitude, é o ponto de partida para quem pretende chegar ao Parque Provincial do Aconcágua. Na cidade é possível comprar ou alugar equipamentos e contratar alguns serviços, como guias, transporte, mulas etc. O acesso ao parque é pela rota nacional Número 7, que corta a Cordilheira em direção ao Chile. Pode-se optar pelo transporte coletivo, pelo Expresso Uspallata, com saídas diárias de segunda a sexta, ou por transportes privados, que chegam a custar até US\$150 (preço fechado da van), o que é uma boa opção para grupos maiores, com muitos equipamentos e provisões. Percorre-se cerca de cento e oitenta quilômetros, em aproximadamente três horas e meia até Penitentes, uma estação de esqui com várias opções de hospedagem. De lá são seis quilômetros até a entrada do Parque pela Quebrada do Rio Horcones.

O QUE LEVAR ALIMENTAÇÃO:

A Liofoods, empresa pioneira no país na produção de alimentos liofilizados, conta com um processo tecnológico de desidratação que mantém a forma, a cor e, principalmente, o sabor original dos alimentos, diminuindo o peso e conservando a comida em temperatura ambiente por anos. Enviaram-nos os produtos de acordo com nossas necessidades, individualizando as porções preparadas por nutricionistas, levando em questão a altitude e a necessidade calórica calculada dia a dia.

EQUIPAMENTOS BÁSICOS:

- Botas de trekking; gorro; balaclava; óculos de sol; bastões de caminhada; luvas.
- Botas duplas, compostas por duas estruturas distintas: a interna, fabricada com material isotérmico e a externa, de plástico com solado rígido e encaixe para crampons.
- Crampons: estrutura metálica que se encaixa nas botas, composta por pontas que dão estabilidade a escaladas e travessias em gelo.
- Polaina: tecido resistente, de goretex, colocada por cima da calça e das botas, evitando a entrada de neve e pedras nos calçados.
- Roupas: dispostas em camadas, compostas por um tecido mais fino, conhecido como underwear ou segunda pele, um tecido de polartec mais grosso, jaqueta de duvet (plumas de ganso) e anoraque de goretex com capuz.
- Saco de dormir (-30°C); barraca quatro estações; isolante térmico; lanterna frontal (de cabeça).
- Fogareiro de benzina ou a gás.

PREPARO FÍSICO

A ascensão ao Aconcágua pela rota normal não exige grandes conhecimentos técnicos, no entanto, é preciso ter consciência que é uma montanha com quase sete mil metros, com clima instável e temperaturas extremas. É uma montanha fisicamente exigente, que incorpora a logística das grandes expedições aos gigantes do Himalaia e às montanhas de oito mil metros. É fundamental manter-se em constante treinamento, intensificando-o próximo à expedição. Lembre-se que um bom condicionamento físico é fundamental.

DURAÇÃO

Programar-se para subir a montanha usando os 20 dias que a taxa de entrada lhe dá direito, pois o clima é instável e a aclimação varia de pessoa para pessoa, podendo exigir mais dias que o esperado.

Um banho quente no refúgio em Plaza de Mulas custa US\$10 por 7 minutos. Apesar de caro é um bom investimento para levantar a moral, especialmente após os dias mais exigentes. Levamos 13 dias para ascender da portaria do parque ao cume e 2 para descer. Não fizemos outras montanhas de aclimação e também não contratamos guias.

O QUE CONTRATAR

Serviços que utilizamos da Inka Transporte Mendoza/Penitentes/Entrada do Parque;
Mulas para transporte de equipamentos (de Penitentes a Plaza de Mulas);
Refúgio de montanha (5 noites com jantares inclusos);
Mulas para o retorno dos equipamentos a Penitentes.

ENQUANTO ADMIRÁVAMOS OS
ESCARPADOS ROCHOSOS COBERTOS
DE NEVE, EU SENTIA UMA ESTREITA
RELAÇÃO ENTRE NÓS, PERCEBENDO
AINDA MAIS A MONTANHA E A
LIBERDADE A QUE ESSA BUSCA NOS
REMETE. POR ALGUNS SEGUNDOS
SENTI A VIDA COMO UM PRESENTE.

MATA ATLÂNTICA
Estação Ecológica
da Praia do Peba
preserva o que
ainda resta da
Mata Atlântica